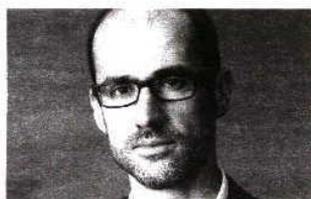




## CORPO DE DELITO

# On the road

Portugal já é um país muito moderno, onde, mesmo não havendo uma mítica estrada 66, se pode ser muito feliz pela estrada fora



Rui Patrício

Há males que vêm por bem. O engenheiro americano talvez não conhecesse esse aforismo português, mas lá que o pensou, pensou. Veio a Portugal em trabalho, e por cá ficou retido, bem para lá dos dias marcados para reuniões e visitas. Os prazos da obra haviam deslizado, algumas das visitas agendadas só poderiam ter lugar depois, e ele ficou à espera. Era um americano tranquilo, não se aborreceu, e, desocupado que estava, decidiu tornar-se turista accidental e alugou um automóvel. E, pela estrada fora, descobriu maravilhas. Já ouvira falar, com espanto e admiração, do sistema rodoviário português, mas não esperava tanto. Um deslumbramento, sobretudo para um engenheiro.

Começou pela Ericeira, que lhe disseram ser uma vila agradável e com praia. Acordou cedo em Lisboa, para fazer o caminho, que esperava tortuoso, como se espera que sejam os caminhos para vilas e para praias, mesmo com ondas de fama mundial. Mas logo percebeu que o despertar matutino não se justificava, já que a única coisa que

demorava um pouco era escolher uma auto-estrada. Fosse por uma fosse por outra, não demorava mais de 40 minutos, e sempre em auto-estrada chegaria à vila. Que pasmo, que maravilha, um país onde se pode ir de auto-estrada (e com mais de uma escolha) para a praia, e quase até à areia e à água do mar. Ao outro dia decidiu rumar mais a norte, pois ouvira falar da Figueira da Foz. Novo embarço, pois tanto podia ir pela A1 como pela A8/A17, e, fosse como fosse, chegaria sempre à cidade, e quase à areia da praia, por auto-estrada. Seguiu pela A17, e se tivesse uns binóculos de curto alcance poderia dela

ter visto a A1, a correr em paralelo, ambas apenas separadas por verdes matas de eucaliptos e pinheiros. Depois retomou a A14, e por ela cruzou a A17 e a A1, e, como já conhecia aquela, escolheu esta para, rapidamente, chegar a Aveiro. De Aveiro deu um pulinho a Viseu, pela A25, e ficou um pouco desiludido quando percebeu que para regressar por auto-estrada à A1 teria de fazer o mesmo caminho, pois ainda não estava feita a projectada A35, que ali tão perto o poderia levar de Mangualde a Mira, cruzando a A1, a A24 e a A25. Mas foi uma pequena desilusão, pois no mais constatou que Portugal já é um país muito moderno, onde, mesmo não havendo uma mítica estrada 66, se pode ser muito feliz pela estrada fora. Claro que uma auto-estrada entre Mangualde e Mira faz a maior das faltas, mas isso não chegou para ensombrar o seu deslumbramento.

E não foi ele ao Porto, que os dias de espera já não chegaram. Se tivesse ido, poderia escolher, por exemplo, a A1 ou a A29, correndo em paralelo, bem ao lado uma da outra, tão aconchegadas as duas que quase se enroscam. Fica para a próxima. Por ora, deslizou apenas por algumas auto-estradas, delicioso, e ainda mais porque algumas delas, por largos momentos, o seu automóvel era o único a circular, como se tivessem sido feitas apenas para ele. Mimos rodoviários destes são raros. Abençoados deslizados dos prazos.

*Advogado. Escreve ao sábado*

**Era um americano  
tranquilo, não se  
aborreceu e decidiu  
tornar-se turista  
accidental**

**Que pasmo, que  
maravilha, um país  
onde se pode ir de  
auto-estrada  
para a praia**